

Manifestações religiosas de jovens na contemporaneidade: análise a partir de uma perspectiva sócio-histórica

Esta comunicação é resultado parcial de uma pesquisa que vem sendo realizada desde o ano de 2009 no Município de Londrina/Paraná,¹

Grupo de Trabalho 21: Sociologia da Religião

Claudia Neves da Silva
Fábio Lanza

Resumo

Investigar religião e juventude exigiu-nos sair do campus e ir a campo com a finalidade de conhecer como os jovens manifestam sua religiosidade. Por meio de observações de celebrações religiosas e entrevistas com freqüentadores destas celebrações, pudemos verificar que os indivíduos passam por uma desconstrução de suas “bases de sustentação”, isto é, sua identidade, porque o homem e a mulher que emergem desta sociedade moderna muitas das vezes saem em busca de uma “fundação” resistente e constante, diante da fluidez e do efêmero. Se a religião não exerce mais a função cultural de integrar e harmonizar os grupos sociais, ela ainda tem a função de oferecer respostas para questões consideradas insolúveis e de possibilitar a integração social daqueles que se encontram excluídos da ordem social e econômica vigente.

Palavras-Chave: Juventude; Religiosidade; Pesquisa de Campo

1. Introdução

O número de pessoas que se denominam membros de uma igreja evangélica pentecostal cresceu significativamente no Brasil a partir da segunda metade do século XX, trazendo um novo cenário para o campo religioso. Na década de 1970, este crescimento se aprofundou, pois, se inicialmente a presença destas igrejas era mais visível entre os segmentos de baixa renda, logo se fez notar entre a classe média - profissionais liberais, professores, servidores públicos, comerciantes, entre outras categorias profissionais - em busca de *respostas* para suas necessidades físicas e emocionais.

A partir de observações de celebrações religiosas das igrejas que fizeram parte do universo da pesquisa – 6 (seis) igrejas evangélicas pentecostais localizadas no Município de Londrina/Paraná - foi possível uma aproximação para compreender o fenômeno religioso que levou ao surgimento de centenas de igrejas e está presente tanto na Igreja Católica, como nas Protestantes Históricas: o movimento pentecostal, que promoveu, entre outros efeitos, uma ampliação do número de adolescentes e jovens nas celebrações religiosas.

Fato que nos chama a atenção porque as instituições religiosas exigem compromissos, como participação em serviços ou ministérios, e impõem normas de conduta, como proibição do sexo antes do casamento, discrição no vestir e no consumo de bebidas alcoólicas. E foi aí que surgiu-nos algumas dúvidas: por que esta procura? Por que aceitar estas normas?

¹ cujo objetivo é investigar as motivações que levam os jovens a participarem de manifestações religiosas de natureza pentecostal

Desde 2008 realizamos uma pesquisa tendo por foco as igrejas pentecostais e sua influência em diferentes aspectos da vida individual - psicológica, emocional e afetiva - e em diferentes esferas da vida social, política e econômica. Temos por objetivo investigar as motivações objetivas e subjetivas que levam homens e mulheres a participarem de manifestações religiosas de natureza pentecostal

Para compreender o fenômeno religioso e suas repercussões na contemporaneidade, fundamentamo-nos em pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento, como Pierre Bourdieu, que investiga como as relações entre os grupos sociais obedecem a uma lógica que se reproduz no plano da cultura; e em Zygmunt Bauman, cujos estudos sociológicos voltam-se para as relações sociais na sociedade contemporânea.

Além disso, recorreremos às técnicas investigativas da Antropologia, como a observação participante das celebrações religiosas e entrevistas com membros destas denominações, permitindo uma compreensão das motivações que levam jovens a procurarem as igrejas evangélicas pentecostais.

Em uma sociedade cujas necessidades humanas, as atitudes e os desejos individuais e coletivos são regulados pelas exigências do mercado, em que não ter condições de comprar e apropriar-se das riquezas materiais da comunidade, provocam a exclusão de homens e mulheres, encontrar consolo e explicações para as agruras cotidianas apresenta-se premente (SILVA, 2008).

E a instituição religiosa tornou-se uma possibilidade de buscar respostas para as dúvidas, as angústias, e mais, experimentar emoções, porque não há censura a quem expresse sentimentos como tristeza, dor, alegria, além de encontrar resposta ou conforto para os problemas do dia a dia, porque lá é o local que se encontram homens e mulheres portadoras de *habitus* similares (SILVA, 2008).

Há uma diversidade de igrejas para atender uma diversidade de interesses e necessidades pessoais, emocionais, existenciais, pois sentir-se acolhido e pertencente a um grupo social ajuda a fortalecer-se para enfrentar as dificuldades e obstáculos do dia-a-dia.

Se por um lado, os crentes vão à igreja em busca de consolo e conforto para enfrentar a dor e os sofrimentos físicos e emocionais, por outro, segundo Bourdieu (2004, p.48) os fiéis: “contam com ela (religião) para que lhes forneça justificações de existir em uma posição social determinada, em suma, de existir como de fato existem, ou seja, com todas as propriedades que lhes são socialmente inerentes.”

Assim, a partir destes pesquisadores concebemos religião enquanto um sistema de crenças e práticas legitimado por símbolos que asseguram sua continuidade nos indivíduos, no grupo social e na coletividade, exigindo devoção e compromisso emocional, além de formular e reforçar princípios e valores éticos, cujos fundamentos são justificados no nível do sagrado, porque se encontram em um espaço extra-mundo (SILVA, 2008).

1. Modernidade e religiosidade: duas faces de uma mesma realidade

A complexidade do real, modificado por homens e mulheres a partir de suas necessidades, das relações de dominação e subordinação, de resistência e passividade, leva a que a religião produza e garanta um ethos e uma quantidade de significados que cada indivíduo tem acerca de sua experiência emocional, afetiva e espiritual, os quais são reproduzidos nas ações diárias. Nesse sentido, a religião, enquanto manifestação cultural adapta-se às necessidades e projetos destes homens e mulheres, de acordo com o grupo no qual está inserido.

E a religiosidade, entendida como manifestação pessoal de fé, em uma busca por experiências e valores que transcendam a dimensão material e corporal, dá sentido à existência do indivíduo no mundo e equilíbrio para os diferentes aspectos da vida (social, afetivo, emocional, espiritual), determinando desta forma, o comportamento e as ações deste indivíduo, de seu grupo social e mesmo de uma coletividade.

Outrossim, as condições materiais objetivas de homens e mulheres condicionam sua percepção e atitudes diante das situações que acontecem ao seu redor, de sua concepção de vida, de religião, de política, de economia, de cultura. Portanto, os movimentos culturais, e neles os movimentos religiosos que surgem, extinguem-se e ressurgem, vêm ao encontro das necessidades dos indivíduos.

Se nos voltarmos para o movimento pentecostal, verificaremos que as práticas e representações de seus líderes ajustam-se ao *habitus* do grupo social no qual estão inseridos, produzindo e reproduzindo as “estruturas objetivas das quais são produtos” (BOURDIEU, 1983, p.61) em suas celebrações, orações, evangelizações e pregações.

Para nossa investigação, quando falarmos de igreja pentecostal², nos referimos a um segmento no interior do sub-campo protestante que prega a conversão, o batismo no Espírito Santo e a aceitação das determinações de Jesus Cristo, adotando uma ética comportamental que prega discricção no vestir e no agir, mas não leva ao afastamento das questões e situações do mundo material e carnal.

Comungamos com esses estudiosos que partem da suposição de que as possíveis causas do sucesso desse movimento entre diferentes grupos sociais encontram-se na consolidação de uma sociedade urbano-industrial, que redefiniu as estratégias produtivas, remodelou as instituições sociais, transformou as relações sociais e prometeu projetar o indivíduo para a cena principal, ou seja, seria ele quem elaboraria seu modo de ser, pensar e agir independente das tradições familiares, religiosas ou de uma hierarquia institucional.

Segundo essa perspectiva teológica, não combater o mal, isto é, o demônio, representa a vitória do caos e da desordem na vida pessoal, trazendo doenças, desemprego, brigas e separações, bem como caos e desordem no grupo social. Portanto, converter-se e receber o batismo do Espírito Santo significa a possibilidade de resistir e fortalecer-se perante as agruras da vida cotidiana, por meio dos princípios morais e religiosos. “O toque de Deus” revela que mesmo os mais desprezados pela sociedade são dignos de se tornarem a morada divina.

O impacto da teologia pentecostal no interior das religiões tradicionais e da sociedade de modo geral, vem ao encontro da necessidade de justificar e reforçar atitudes e ações como a competição e concepções que exaltam a tecnologia, o individualismo e o consumo como alternativa para alcançar a felicidade e a paz.

Na verdade, essas idéias e ideais são frutos da modernidade e do desenvolvimento capitalista, processo que se iniciou no século XVIII e promoveu profundas mudanças nas relações sociais, políticas e econômicas em decorrência de uma nova forma de produzir, reproduzir e comercializar os bens materiais.

Testemunhou-se ao longo desses últimos séculos, a ampliação dos meios de comunicação de massa, o avanço tecnológico, que possibilitou alavancar a produção, diminuir os custos e ampliar o consumo para diversos segmentos sociais; modernidade que supostamente livraria as pessoas de uma visão mágica ou religiosa do mundo, das tradições e das hierarquias que engessavam a ascensão social, com a ciência apresentando-se como a única possibilidade de alcançar a verdade e o saber, e o conseqüente desenvolvimento econômico, social e cultural. Os indivíduos se moveriam a partir de seus desejos e prazeres, os quais seriam ditados por um mercado repleto de opções para atender a todos.

Como diz Bauman (2001), o provisório torna-se o constante. Nesta provisoriidade, as normas, as regras, os sentimentos, os princípios e valores devem adequar-se, moldar-se às necessidades desses indivíduos. A tarefa hoje é viver o momento presente.

Assim, com o aperfeiçoamento tecnológico, possibilitando a geração de novos produtos com a produção em massa, estimulando o consumismo e a satisfação imediata, com a velocidade das

²Construímos a nossa definição de pentecostalismo a partir dos seguintes pesquisadores: Campos (1996); Mendonça (1997), Corten (1996), César & Shaull (1999), os quais se debruçaram sobre o tema a partir de uma perspectiva histórica, antropológica e sociológica.

mudanças que se operam nos diferentes campos da vida em sociedade, as relações interpessoais também tornam-se provisórias, imediatas, e com ela, as normas e regras que regem tais relações.

Os valores morais são construídos a partir das relações sociais que se estabelecem em uma dada sociedade, que por sua vez, são determinadas pelas condições materiais de existência. Se essas relações são forjadas tendo em vista os interesses individuais imediatos, os valores e as normas de convivência também serão imediatas e provisórias, visando preferencialmente os interesses e prazeres de cada indivíduo em particular. Como diz Bauman (2001), uma “sociedade de consumidores”, onde o consumo é quem determina as relações sociais.

O prazer e a necessidade individual determinam o que deve ser estabelecido, o que deve ser restringido. Não há definitivo ou inflexível, porque a flexibilidade é o dominante, sejam os bens de consumo, sejam as relações pessoais.

Os grupos sociais vão se constituindo e se relacionando em conformidade com esta flexibilidade e provisoriedade. E os indivíduos que a estes grupos pertencem tomam como referência para constituição de sua identidade a interiorização das ações e experiências vividas nestes grupos e comunidades.

Contudo, se a flexibilidade hoje é o predominante, os grupos e a comunidade têm normas e atitudes contraditórias, levando a que contribuição na constituição da identidade também se apresente de forma contraditória e conflitante. Pode-se colocar que esta contradição na constituição da identidade social e individual sempre ocorreu.

Com a ascensão da necessidade de levar a liberdade individual às últimas conseqüências e o reforço do individualismo, estes grupos e comunidades também reforçam valores e princípios calcados no individualismo e no prazer imediato. Nesse sentido, a constituição da identidade individual e social também traz em si a marca da flexibilidade e da contradição, tendo em vista que o sentimento de identidade é construído socialmente em cada indivíduo, moldado de acordo com cada situação do real vivido, orientando sua ações e possibilitando o ordenamento e o funcionamento da sociedade.

Por outro lado, a identidade também é uma construção ideológica, porque se apresenta como forjada pelo próprio indivíduo a partir de seus interesses e vontades, de forma autônoma e independente de seu grupo social. Mas, buscando em Marx uma melhor compreensão deste aspecto, ele afirma que:

A produção de idéias, de representações, da consciência está, de início, diretamente entrelaçada com a atividade material e com o intercâmbio material dos homens, como a linguagem da vida real. O representar, o pensar, o intercâmbio espiritual dos homens, aparece aqui como emanção direta de seu comportamento material (MARX, 1991, p.36)

Portanto, a identidade é constituída em função das condições materiais de existência de cada homem e mulher. Além disso, é importante destacar que a construção da identidade está diretamente relacionada com outros grupos ou comunidade diferente ou antagônica com o qual o indivíduo está permanentemente em contato, ou seja, o processo de elaboração da identidade é resultado de uma identificação com o grupo e com os demais indivíduos.

Enfim, o aparato tecnológico, o acesso ao consumo, a ciência e a razão mostraram-se insuficientes para as questões geradas dentro e a partir desse mundo moderno e capitalista. Como as organizações vinculadas ao mercado e o Estado não conseguem responder de modo satisfatório às angústias da vida em sociedade, novos caminhos foram buscados. E a religião foi um dos caminhos trilhados.

2. A religiosidade como resistência à modernidade: contraditório ou coerente com a sociedade contemporânea?

Entre os anos de 2009 e 2010 foram realizadas 30 entrevistas com homens e mulheres de igrejas evangélicas pentecostais de Londrina, com a finalidade de investigar as motivações que os levam a frequentarem uma igreja. Inicialmente, queremos destacar que os entrevistados tinham entre 18 e 40 anos e 70% era do sexo feminino, porque se observou durante as celebrações religiosas que a participação de jovens era expressiva, assim como a participação feminina era maior do que a de homens.

Na conjuntura atual, é forte a imagem de jovens que assustam e ameaçam porque não se submetem à autoridade dos “mais velhos”, questionando, e recusando muitas vezes, a hierarquia e os limites impostos nas/pelas relações familiares e sociais³; por outro lado, são apreciados e admirados, porque representariam a euforia, o bem estar com a vida, a liberdade de escolher e decidir os rumos da própria vida.

A partir das entrevistas, pudemos verificar que as motivações fundamentam-se em escolhas individuais, tendo em vista que há uma identificação com a proposta e o discurso da igreja, da mesma forma que o jovem vai em busca de locais e pessoas com as quais se identifica na maneira de compreender a realidade na qual está inserido:

Então, eu frequento [...] porque é um lugar onde a palavra de Deus é pregada na sua essência ‘né’, cremos que Deus está realmente nesse lugar, e porque aqui eu me sinto bem, por essa questão aí do estilo, eu acho que é uma Igreja que tem a minha cara, e me identifiquei com a visão da igreja desde o início [...] (R.).

Porque eu concordo com a visão pela idoneidade dos pastores, dos líderes, do presbitério, por conhecer o que eles crêem e eu concordo com a visão, com a forma pela qual eles interpretam a bíblia. Concordo com a forma que eles cuidam com que eles pastoreiam [...] (K.)

Aos jovens são apresentadas variadas possibilidades de se manifestarem, viverem conforme suas necessidades e interesses. E a igreja apresenta-se como uma alternativa de expressar sua individualidade: “Porque lá é bom, antigamente eu não tinha paz nem nada, agora eu encontrei paz de espírito, então por isso eu permaneci lá até hoje” (G.).

Há o reconhecimento de que houve mudanças, na maneira de ver o mundo, no comportamento:

[...] eu nunca tinha tido esse encontro, eu ia por costume familiar, ia às vezes com a minha mãe para fazer companhia. E lá eu tive o encontro, não que lá fosse melhor que outra igreja mas lá eu tive o encontro com Cristo e isso foi na minha vida de uma maneira que você me conhecia e, ver a minha vida hoje, tipo... Totalmente diferente (P.)

Antigamente eu era muito autoritária, mandona, eu me achava perfeita, muito perfeccionista, e a dificuldade que eu tinha de entender que o meu marido tinha um problema, assim como eu também tinha um problema, mas eu não via o meu problema. A mudança que Deus fez na minha vida, foi que Ele me tornou uma pessoa mais calma, mais tranqüila. (A.)

³As manifestações que vêm ocorrendo desde junho de 2013 em várias cidades brasileiras são o grande exemplo do que estamos afirmando! Não analisaremos tais manifestações porque não é o objetivo do presente texto.

É possível analisar a espiritualidade atual como reelaborada por meio dos valores dominantes na sociedade – consumo, a busca do prazer individual – os quais determinariam as relações sociais, comerciais e de trabalho, não sendo possível, nesta perspectiva, mudar estes valores, ou mesmo a sociedade, mas mudar tão-somente sua atitude:

Mudou a minha visão, a minha maneira de enxergar, as minhas condutas, a maneira de eu lidar com as pessoas. Eu era uma pessoa antes da igreja; não conhecia os princípios, valores. Os meus valores eram totalmente errados, fora dos princípios da palavra de Deus [...] (K.).

Era uma vida sem paz, com muitas tribulações, não que hoje eu não tenha tantas tribulações, mas é menos do que eu tinha antes de ir à igreja (G.).

Segundo esse modo de pensar e agir, cada pessoa escolheria a sua própria religião, a sua própria crença, desde que se adequasse aos objetivos e demandas do seu cotidiano.

Para os grupos vulneráveis social e economicamente, a busca pela religião baseia-se na promessa e esperança de superar o caos diário, os sofrimento, as enfermidades e dar sentido à vida:

A minha saúde física mudou, até agora no culto, você viu como somos desafiados a cuidar do nosso corpo. Eu voltei a estudar, faço faculdade, meu esposo também. A minha saúde emocional muito, eu posso dizer que Deus usou este lugar, usou vidas de pessoas aqui dentro para trazer a cura da minha vida. Quando eu vim pra cá eu estava muito machucada, não só pelo meu casamento, mas por uma série de coisas que já vinham acontecendo ao longo da minha vida [...] (A.).

Enquanto que para os que pertencem aos grupos privilegiados economicamente, o interesse religioso funda-se no fato de terem uma vida correta e perfeita, mas vez por outra acometida por problemas – doenças, brigas familiares, dependência química, morte:

Olha, antes de ir à igreja, como eu disse também, ‘tava’ com minha vida totalmente desregrada, com minhas emoções doentes, na verdade com a minha alma doente, eu ‘tava’ cheio de conflitos internos, ‘é’ cheio de paranóia, e isso me levou a entrar num processo depressivo, sabe, onde tudo de repente, as coisas que eu gostava de fazer ‘é’, começaram a fazer mal, na verdade já me fazia mal, e eu passei a enxergar que elas me faziam mal (R.)

[quanto à] saúde eu era normal, não tinha nenhum problema de saúde, financeiro normal também, emocional um pouco complicado, pais separados e um pouco desequilibrada. Agora é equilibrada, superei a separação dos meus pais, seria isso assim. (An.)

A sociedade brasileira se urbanizou desordenadamente em decorrência do êxodo de milhares de homens e mulheres que, expulsos do campo, deslocaram-se para as cidades em busca de melhores condições de sobrevivência, mas que pouco ou quase nada conseguiram oferecer para seus novos moradores. E a situação, ao invés de melhorar, degradou-se ainda mais, restando apenas o consolo e o conforto do sagrado. Na esteira da degradação econômica das famílias, verificou-se o crescimento de

uma religiosidade calcada na emoção e na subjetividade, com o fortalecimento do movimento pentecostal.

Conforme Leonildo Silveira Campos (1996, p. 93-94):

O pentecostalismo tem respondido de forma positiva às necessidades sócio-psíquicas das pessoas excluídas da modernidade capitalista. [...] Essa força surge exatamente da identificação do pentecostalismo com aquela cultura popular gerada numa tradição pré-capitalista, portadora de resíduos milenaristas, de um dinamismo capaz de dar aos pobres e excluídos a força de conviver com tantas desigualdades, vazio e miséria.

A busca por uma igreja na qual possa vivenciar uma prática religiosa deve adequar-se ao estilo de vida, de pensar, de agir do novo crente. Este crente, cuja identidade se constitui em sua interação e experiências sociais, também se reconstitui e se reestrutura em uma troca contínua com os demais, possibilitando-lhe definir e redefinir seu sentimento de pertencimento a um determinado grupo social: “[...] Eu nunca me separei das outras pessoas, mas acho que aqui o círculo de amizade acaba sendo mais forte, assim, com um objetivo maior. Então, acabou mudando por aí.” (M.).

Há uma diversidade de igrejas para atender uma diversidade de interesses e necessidades pessoais, emocionais, existenciais, porque sentir-se acolhido e pertencente a um grupo social ajuda a fortalecer-se para enfrentar as dificuldades e os obstáculos do dia-a-dia:

Só que eu era um cara que dentro de mim sentia um vazio, sentia falta assim, de Deus, sabe eu sentia, sabia que precisava buscar, sei lá porque, por preguiça, ou por qualquer outro motivo, mas eu não buscava, eu era um cara bem egoísta, tudo na minha vida era focado em mim, eu manipulava as pessoas pra satisfazer uma necessidade minha, eu era um cara extremamente egoísta e... Só que o que me levou, como eu falei, a buscar a cristo não foi nenhum problema, alguma doença ou algum problema físico, nada disso, tipo, o meu irmão enchia tanto o meu saco pra ir à igreja, que eu peguei e falei: ‘ah, vamos lá!’. Fui lá e gostei... um dia, dois dias, experimentei algo que nunca tinha experimentado antes, e foi isso que me mudou (P.)

Se, por um lado, os crentes vão à igreja em busca de consolo e conforto para enfrentar a dor e os sofrimentos físicos e emocionais, por outro, segundo Bourdieu (2004, p.48) os fiéis: “contam com ela (religião) para que lhes forneça justificações de existir em uma posição social determinada, em suma, de existir como de fato existem, ou seja, com todas as propriedades que lhes são socialmente inerentes.”

Uma religiosidade que expressa as necessidades, anseios e angústias imediatas, urgentes. Um reflexo do que se verifica na sociedade brasileira contemporânea, ou seja, desinteresse para participar de movimento estudantil ou social⁴, aumento de casos de depressão, do uso de drogas lícitas e\ou ilícitas, consumismo, apatia política, entre outras:

O que mais me afetou foi a vida emocional, foi isso que mais me levou a ir à igreja. Eu passei por umas dificuldades, estava com uns problemas e por isso eu resolvi procurar a igreja; Hoje ela é melhor do que ela era (G.)

⁴As manifestações que vêm ocorrendo nas capitais brasileiras desde junho de 2013 não nos possibilita, ainda, avaliar as motivações desses jovens e as conseqüências política, social, cultural e econômica destas manifestações.

As possíveis conseqüências de uma religiosidade centralizada no indivíduo e suas necessidades somente saberemos daqui a alguns anos, mas, a partir do que vimos estudando até o momento, podemos inferir que continuará aumentando as migrações entre as denominações religiosas e sua adequação a um público cada vez mais flutuante, efêmero e líquido, haja vista o crescimento constante das igrejas evangélicas pentecostais e o declínio das igrejas históricas tradicionais

3. Algumas considerações

Com os questionamentos e encruzilhadas advindas com a ascensão da modernidade e seus princípios e valores fundamentados na provisoriedade, no descartável, constatamos que os grupos sociais e as comunidades também passam por uma desconstrução em sua base de sustentação, tendo em vista que o homem e a mulher que emergem dessa sociedade moderna muita das vezes saem em busca de uma fundação resistente e constante, diante da fluidez e do efêmero das instituições e das relações sociais.

E as igrejas também se viram diante da necessidade de adotar características que atendam aos anseios de seus membros, principalmente o destaque a uma “fé emotiva” baseada nas necessidades individuais⁵; situação que promoveu uma ampliação do número de jovens nas celebrações religiosas, justamente em um momento em que há entre estes o aumento de casos de depressão, do uso de drogas lícitas e/ou ilícitas, consumismo ou apatia política.

Como estamos constatando em nossa investigação, o reforço da religiosidade possibilita aos jovens a resistirem e se fortalecerem perante as agruras da vida cotidiana, por meio dos princípios morais e religiosos. Cada pessoa escolhe a sua própria igreja ou denominação, a sua própria crença, atendendo aos objetivos e demandas de seu cotidiano. Assim, há uma diversidade de igrejas para atender às necessidades pessoais, emocionais, existenciais de cada um.

Portanto, investigar as manifestações religiosas de jovens na contemporaneidade a partir de uma perspectiva apenas, não possibilita entender as diversas causas do fenômeno religioso e as motivações sociais, políticas e econômica que estão por trás. Analisar sua construção histórica e as relações sociais que se estabelecem no campo religioso amplia o entendimento acerca das manifestações culturais religiosas. E estudar estas manifestações pelas diferentes áreas do conhecimento poderá adquirir contornos inesperados, porque descortinará uma nova realidade, um novo presente.

4. Bibliografia

BERMAN, M. (2007). *Tudo o que é sólido desmancha no ar*. São Paulo: Companhia das Letras.

BAUMAN, Z. (2001) *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar.

BOURDIEU, P. (2004). *A economia das trocas simbólicas*. 5ª ed. São Paulo: Perspectiva.

CAMPOS, L.S. (1996). Protestantismo histórico e pentecostalismo no Brasil: aproximações e conflitos. *Na força do espírito: os pentecostais na América Latina: um desafio às igrejas históricas*. AIPPRAL: São Paulo (pp. 77-118).

CARVALHO, J. J. (1998). Religião, Mídia e os Predicamentos de uma Existência Pluralista. In: MOREIRA, A. (Org.). *Sociedade Global, Cultura e Religião*. Petrópolis, Vozes.

CÉSAR, W.; SHAULL, R. (1999). *Pentecostalismo e futuro das igrejas cristãs: promessas e desafios*. Petrópolis: Vozes.

⁵Neste momento, julho de 2013, o Brasil recebe a visita do Papa Francisco para a Jornada Mundial da Juventude no Rio de Janeiro, e a televisão mostra a presença de milhares de jovens nas celebrações religiosas (estima-se em mais de 2 milhões de participantes).

- CORTEN, A. (1996) *Os pobres e o Espírito Santo: o pentecostalismo no Brasil*. Petrópolis: Vozes.
- EAGLETON, T. (1998). *As ilusões do pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Zahar.
- _____ (2005). *Depois da teoria: um olhar sobre os estudos culturais e o pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- FRESTON, P. (1996) Breve história do pentecostalismo brasileiro. In: *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes. (pp.67 – 159).
- LANZA, F. (2006). *Matrizes ideológicas dos arcebispos paulistanos (1956-85): um olhar sob prisma do semanário O São Paulo*. 255 p. São Paulo. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- MARX, K. (1991). *A ideologia alemã*. 8ª Ed. São Paulo: Hucitec.
- MENDONÇA, A.G. (1995). *O celeste porvir: a inserção do protestantismo no Brasil*. São Paulo: ASTE, 1995.
- MENDONÇA, A.G. (1997). *Protestantes, pentecostais e ecumênicos: o campo religioso e seus personagens*. São Bernardo do Campo: UMESP.
- SILVA, C.N. (2008). *As ações assistenciais promovidas pelas igrejas pentecostais no Município de Londrina (1970 – 1990)*. 181 p. Assis. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de História, Universidade Estadual Paulista.